



FRANTZ FANON, PSICOLOGIA E PSICANÁLISE: EPISTEMOLOGIAS DA VIOLÊNCIA

Regina Marques de Souza Oliveira¹

Resumo: Frantz Fanon é um teórico do campo das ciências humanas conhecido mundialmente e desconhecido para a psicologia. No entanto sua formação de médico psiquiatra que dialogava com Sartre, Lacan e outras personalidades de seu contexto e tempo histórico, o inscreve como fundamental referência para o estudo do psiquismo e as determinações sociais. As violências na história do século XX e início deste século produzem subjetividades e formas de sociabilidades. Fanon, é essencial para compreender a emergência dos sujeitos na contemporaneidade. Apresenta-lo a pesquisadores do campo emocional é a função deste texto.

Palavras-chaves: psiquismo; colonialismo; violência; racismo; branquitude.

FRANTZ FANON, PSYCHOLOGY AND PSYCHOANALYSIS: EPISTEMOLOGIES OF VIOLENCE

Abstract: Frantz Fanon is a theorist of the field of human sciences known world-wide and unknown to psychology. However, his training as a psychiatrist who dialogued with Sartre, Lacan and other personalities of his context and historical time, inscribes him as a fundamental reference for the study of psychism and social determinations. Violence in the history of the twentieth century and beginning of this century produce subjectivities and forms of sociability. Fanon, is essential to understand the emergence of subjects in the contemporary world. Presenting it to researchers in the emotional field is the function of this text.

Key-words: psychism; colonialismo; violence; racismo; whiteness.

FRANTZ FANON, PSYCHOLOGIE ET PSYCHANALYSE: EPISTEMOLOGIES DE LA VIOLENCE

Résumé: Frantz Fanon est un théoricien du domaine des sciences humaines connu dans le monde entier et inconnu de la psychologie. Cependant, sa formation de psychiatre dialoguant avec Sartre, Lacan et d'autres personnalités de son contexte et de son temps historique, l'inscrit comme une référence fondamentale pour l'étude du psychisme et des déterminations sociales. La violence dans l'histoire du XXe siècle et au début de ce siècle, produit des subjectivités et des formes de sociabilité. Fanon, est essentiel pour comprendre l'émergence des sujets dans le monde contemporain. La présenter aux chercheurs dans le domaine émotionnel est la fonction de ce texte.

Mots-clés: psychisme; colonialisme; violence; racisme; blancheur.

FRANTZ FANON, PSICOLOGÍA Y PSICOANÁLISIS: EPISTEMOLOGÍAS DE LA VIOLENCIA

¹Psicanalista, Doutora em Psicologia Social pela PUC/SP e EHESS-França/Paris, realizou a pesquisa pos doutoral com financiamento CAPES/2016 : Saude Mental da População Negra e da Diaspora Africana no Instituto dos Mundos Africanos da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (Paris/França), Professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e do Programa de Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB – Jequié



Resumen: Frantz Fanon es un teórico del campo de las ciencias humanas conocido mundialmente y desconocido para la psicología. Sin embargo su formación de médico psiquiatra que dialogaba con Sartre, Lacan y otras personalidades de su contexto y tiempo histórico, lo inscribe como fundamental referencia para el estudio del psiquismo y las determinaciones sociales. Las violencias en la historia del siglo XX e inicio de este siglo producen subjetividades y formas de sociabilidades. Fanon, es esencial para comprender la emergencia de los sujetos en la contemporaneidad. La presentación a investigadores del campo emocional es la función de este texto.

Palabras-claves: psiquismo; colonialismo; violência; racismo; branquitude.

Fanon nasceu em 20 de julho de 1925 na Martinica. Uma “Ilha do Vento” que faz parte do eixo das Pequenas Antilhas que se estendem de Grenade à Sainte-Kitts. Ela esta rodeada pelo oceano Atlântico ao leste e pelo mar do Caribe ao oeste. Com somente 1.000 quilômetros quadrados, a Martinica é uma ilha tão pequena que nunca estaremos a mais de 60 km da capital, Fort de France (Macey, 2013, p.56).

Quando Fanon vivia na Martinica, os meios de transportes eram raros e as estradas, geralmente ao norte, estavam sempre bloqueadas por deslizamentos de terra e acidentes deste tipo. A ilha possui uma pequena superfície, sol muito variado, e a flora é rica e diversa. A fauna mamífera é relativamente pobre. Ao norte as chuvas são pesadas e as encostas são abruptas. Seus vulcões são sua maior particularidade. É uma ilha de colinas encobertas por uma vegetação tropical. Existe o grande vulcão La Montagne Pelée; ele parece que dorme, mas esta longe de ser considerado inativo (Macey, 2013, p.57).

A terra de nascimento de Fanon o inscreveu como um ser que conviveu com o cotidiano pequeno, diminuto, compartilhado. Dos espaços reduzidos e do acesso limitado do percurso pelo território. As imposições geográficas, acidentes comuns e corriqueiros do cotidiano da ilha, exige a condição de conviver com o obstáculo, com a espera, com o incômodo. As estradas interdidas, as montanhas que retiram a plenitude dos caminhos, os ventos e tufões vindos do oceano, o calor constante e o tempo seco ou com chuvas pesadas que fazem deslizar as encostas e bloquear as estradas.

O elemento paisagístico fornece ao ser humano a condição cognitiva de seu desenvolvimento, de suas habilidades de pensar e construir a si mesmo diante do mundo e de sua realidade.



Nascer na Martinica, longe do território europeu, produziu em Fanon a capacidade de viver na complexidade da existência diante das incongruências que observava do território físico da Martinica e posteriormente o que ele, e toda criança dos territórios franceses, aprendia na escola, era justamente a negação empírica de seu contexto imediato. Os bancos escolares revelavam uma educação pelo currículo parisiense, com leituras e conteúdos referentes a realidade francesa.

Enquanto território francês de ultramar, a língua, a gramática, transmissão do conhecimento era – e ainda é – a partir dos princípios difundidos nas escolas francesas parisienses. Um martiniquês será alguém de nacionalidade francesa e comportara em si a contradição de sua origem e de seu ser em meio a sua realidade objetiva (Macey, 2015, p. 58)

Neste aspecto consideramos que o princípio da violência narcísica no sentido da constituição do sujeito se instala a partir de uma sociedade mundo capitalista que marginaliza as territorialidades outras existentes sobre o globo.

O encanto do nascimento é continuamente roubado. Além disso, é ceifada a capacidade – ao menos é o que se pretende e o que se espera – do ser humano fazer-se por si.

Criar a si mesmo. O primeiro ato criativo da condição humana é a capacidade de criar a si mesmo. Para criar o mundo e agir autonomamente sobre ele é preciso primeiro criar a si mesmo. Haver-se consigo e com sua realidade. Nascer em um território específico e em uma localidade é estar sustentado inevitavelmente por estas condições.

O aspecto físico e objetivo da dimensão territorial do plano social dos sujeitos permite a construção do entendimento de si a partir do entorno.

A vida comunitária, a relação próximo-distante, os hábitos, costumes, modos de vida originários das condições climáticas da natureza, organizarão a vida psíquica e emocional dos sujeitos, e suas formas de compreender e relacionar-se com a vida objetiva e também com o universo subjetivo.



A relação com o espaço pequeno e acidentado da vida em uma ilha pode parecer restrito e pouco expansivo. A noção de ilha nos remete a condição de isolamento, decadência, pouca evolução ou nenhum desenvolvimento.

Ao mesmo tempo, na ilha de Fanon, haviam ciclones, grandes montanhas, uma atmosfera densa dominada pela natureza que obrigava os seres humanos a compreenderem o movimento dos ventos e o temperamento das marés.

As ilhas também nos trazem a tranquilidade de estar em sintonia com o tempo. Necessariamente os seres que viveram em ilhas são obrigados a compreender a natureza social e cultural que se inscreve em torno do meio ambiente. E a percepção e sensibilidade dos seres que nascem em ilhas tende a ser aprimorada no que concerne a interpretação de seu tempo e necessidades.

As ilhas são sempre próximas do mar. E os mares são sempre caminhos. Estradas para horizontes infinitos de possibilidades.

É sob este aspecto que Fanon é fundamental para o campo psíquico: ele abre perspectivas para que o pensamento psicológico se organize em várias frentes para compreender o processo de formação psíquica do indivíduo diante das formas de opressão e violência que foram típicas do século 20 e se mantém no século 21 a partir de dispositivos de controle mais sofisticados que no século anterior.

A inscrição de Fanon é necessariamente no campo psicológico, porque sua formação específica de médico clínico psiquiatra o habilitava expressivamente para isto.

Embora seus textos conhecidos do grande público sejam de caráter sociológico e cultural, sendo ele considerado um autor que discute colonialismo, suas obras revelam muito mais que um olhar sobre a violência da colonização francesa nos territórios africanos. Sua sensibilidade psicológica e de certo modo poética – ele foi leitor e contemporâneo de Aimé Césaire – permitiu um filtro mais denso e qualitativo de seu pensar sobre as configurações emocionais e afetivas na formação do sujeito humano diante da atrocidade e do terror da violência da dominação, exploração social e econômica e da violência racista.



Ele demonstra o constructo do pensamento psicológico pela dialética da violência do massacre da identidade do colonizado. Descreve como as condições subjetivas dos sujeitos são negadas diante das conveniências capitalistas de exploração comercial das pessoas, que são tornadas objetos.

Sua formação em medicina com residência médica em psiquiatria conferiu a Fanon a capacidade de observar as formas de adoecimento emocional. Em sua vasta experiência como clínico psiquiatra, ele constatou que a fragilidade do aparelho psíquico decorre antes pela precariedade social e violência histórica, que gera também alienação. Os atores sociais estão marcados mais por tais circunstâncias político-ideológicas e seguem muito menos influenciados por fatores clinicamente orgânicos.

Fanon era médico, e como tal agia como um médico quando estava trabalhando nos diversos hospitais que trabalhou na França e também na Argélia.

Em todo o percurso de sua vida Fanon nunca abandonou seu trabalho como médico clínico e psiquiatra. Ele não era um sociólogo ou um historiador. Ele era médico e seu engajamento político era decorrência de sua projeção no trabalho como médico psiquiatra engajado nos movimentos sociais que clamavam por igualdade e justiça social. Em Paris, no contexto francês, Fanon teve a estatura de Lacan, Françoise Dolto, Maud Manoni e Sartre, pessoas pelas quais era conhecido e respeitado. Era crítico de uma psicanálise que se organiza superficialmente sem discutir a historicidade e condições sociais da realidade francesa e mundial. Foi crítico denso dos trabalhos do psicanalista lacaniano Octave Mannoni, que aventurou-se a escrever sobre as dimensões psicológicas do colonialismo no livro *Psychologie de la colonisation* sem considerar as condições de violência e racismo a que o colonizado africano se encontrava.

Fanon critica Mannoni no sentido de que este aprofunde a lógica de seu pensamento que superficialmente considera que a exploração colonial não pode ser confundida com outras formas de exploração, pois o racismo colonial difere, para Mannoni, de outros racismos. (Fanon, 2015, p.68).

No mesmo sentido Fanon critica o psicanalista pois este considera que o problema da colonização comporta não somente a intersecção de condições objetivas e



históricas, mas também a atitude do homem em relação a estas condições. Tais “atitudes” Mannoni considera que estão relacionadas a uma condição psíquica do colonizado em aceitar a subjugação – diga-se: aceitar a colonização a partir de um sentimento pré-existente de inferioridade - a partir de uma compensação emocional no plano afetivo (Fanon, 2015, p.68).

Octave Mannoni justifica esta lógica de pensamento a partir do uso dos princípios teóricos clínicos de Alfred Adler, psicanalista austríaco (nascido em Viena) contemporâneo de Freud.

No cenário francês e parisiense Mannoni e Fanon são intelectuais e profissionais médicos respeitáveis. E Fanon contesta o pensamento de Mannoni como um erro grave e grosseiro na sua consideração sobre o colonialismo e as relações que se estabelecem entre os sujeitos branco ocidental e o africano.

O livro *Psychologie de la colonisation* possui uma linha de orientação temática que recai em um abstracionismo perigoso. Pois Octave Mannoni, conforme Fanon, aborda ou tenta construir “uma noção de colonização”. Ele a apresenta como uma situação particular, dando margens para o surgimento de um conjunto de ilusões e mal-entendidos que, conforme ele – no caso Mannoni - somente a análise psicológica pode situar e definir (Mannoni, 1950, p.32).

O abstracionismo psicológico é utilizado para construir uma teoria de inferioridade do africano colonizado e justificar por meios técnicos e pseudocientíficos a truculência do branco europeu (o francês no caso) na invasão e apropriação dos territórios africanos.

Trata-se de trazer um aporte semelhante ao utilizado no século XV para justificar a escravização do negro e do indígena por ocasião da ocupação dos territórios das Américas.

No século XV era concebido pensar que povos “pagãos”, muçulmanos, africanos e indígenas poderiam ser escravizados com a autorização do Pontífice Nicolau V através da bula *Romanus Pontifex* de 1455, a qual conferia plenos poderes ao Rei Afonso de



Portugal e ao Infante Dom Henrique para *em nome de Deus* violar pessoas, territórios e culturas, saqueando suas terras, riquezas e os escravizando.

Por isso nós, tudo pensando com devida ponderação, por outras cartas nossas concedemos ao dito rei Afonso a plena e livre faculdade, dentre outras, de invadir, conquistar e subjugar quaisquer sarracenos e pagãos, inimigos de Cristo, suas terras e bens, a todos reduzir à servidão e tudo aplicar em utilidade própria e dos seus descendentes. Por esta mesma faculdade, o mesmo D. Afonso ou, por sua autoridade, o Infante legitimamente adquiriram mares e terras, sem que até aqui ninguém sem sua permissão neles se intrometesse, o mesmo devendo suceder a seus sucessores. E para que a obra mais ardentemente possa prosseguir (Ribeiro, 2005).

Nos séculos XIX e XX a perversidade consciente dos europeus inscreve-se de modo como sempre articulado e sofisticado para autorizar e bem justificar as violências cruéis e animais que se organizam através de dispositivos conceituais, teóricos, metodológicos que organizam o edifício técnico da ciência. A ciência possui artifícios metodológicos, os quais produzem a função cognitiva da retórica. A ciência se produz e se constrói no campo filosófico e humanístico por dispositivos discursivos e retóricos. Os quais são esteticamente alinhados para a produção de um discurso que convença com primazia a lógica do pensamento transmitido. Em tese, a ciência filosófica e humana são também exercício estético de persuasão, poder e convencimento. Neste sentido o nascimento das ciências é reduto milenar, nas sociedades escritas, de relações de poder.

O impacto produzido pela bula do pontífice no século XV em sociedades controladas pelo modelo político teocêntrico, foi o artifício retórico para justificativa de barbáries e crueldades insanas de brancos ocidentais contra povos americanos e africanos.

A função cognitiva da retórica, é categoria científica por excelência, e a boa retórica, o bom discurso, será definidor de paradigmas e poder de condução dos tempos.

Na epistemologia psicológica este artifício é ainda mais utilizado surpreendentemente. Enquanto os paradigmas das ciências naturais a retórica é produto do formalismo abstrato, nas ciências humanas ansiamos por um produto equânime em



todos os seus algarismos. Porém esta lógica ainda não se inscreve no contexto técnico científico das ciências humanas e sociais.

Mas esta característica se acentua no campo da psicologia pois a retórica se organiza a partir de dispositivos de relações de poder, de modalidades de ações que geraram produtos significativos de compreensão de nosso tempo, de circunstâncias específicas e que conduziram a modelos e protocolos de intervenção em saúde emocional, psíquica e mental.

Protocolos de ações em saúde mental devem necessariamente estar arguidos de componentes sociais, étnicos, culturais e políticos dos ambientes nos quais se inscrevem e neste caso, Fanon, quando critica Mannoni está protocolando a observação clínica do contexto sócio, cultural, étnico e político para aprimorar a análise psíquica que Mannoni tenta, como psicanalista, retoricamente construir. Assim como o Papa Nicolau V em apoio explícito a lógica do genocídio africano e indígena pelos navegadores europeus.

Seria Mannoni e a esteira de boa parte de psicanalistas daquele contexto seres identificados com a lógica brutal, criminosa e perversa do Papa Nicolau V e seus comparsas (Dom Afonso e Dom Henrique)?

Fanon como psiquiatra e respeitado pensador pelos psicanalistas e médicos de sua época nos ajuda a pensar e a descortinar a retórica pseudo científica, no caso psicanalítica, de Mannoni. Ele afirma: Ora, observemos este ponto de partida: porque quer ele fazer do complexo de inferioridade no africano algo de pré-existente à colonização?(Fanon, 2015, p.68 (...))

E explica:

De uma vez por todas nós nos posicionamos por este princípio: uma sociedade é racista ou ela não é. Sempre que tivermos isto em evidência, nos deixaremos de lado um grande número de problemas. Dizer por exemplo que o norte da França é mais racista que o Sul, que o racismo é obra dos subalternos, portanto não diz respeito as elites, que a França é o país menos racista do mundo, sendo este o fator que impede as pessoas de pensarem corretamente. Não nos faz avançar em nada (Fanon, 2015, p.69).



Em termos psicossociais, portanto afetos a uma clínica da saúde mental galgada na análise da violência estrutural da sociedade, Fanon nos faz compreender que a dimensão emocional da violência e do ódio são inconcebíveis em qualquer sociedade humana.

Clinicamente e psicológicamente, como profissional da psiquiatria e portanto da saúde mental, Fanon instiga o debate com psicanalista e convoca a uma reflexão mais densa e arguta no sentido de considerar as condições do processo de civilização humana.

Seja na França, que imprimiu um modelo de colonização francamente violento, seja no Brasil, cujo escravismo europeu foi também bárbaro e cruel, a noção de desenvolvimento e evolução psicoemocional da sociedade esta posta em cheque.

O que psicólogos e psicanalistas devem ser capazes de considerar diante dos contextos da sociedade que é a casa da dimensão humana e de expressão psíquica dos seres que aqui habitam?

Importa à clinica da saúde mental questionar estas realidades globais e posicionar-se diante do caos que circunda a problemática e complexidade das diferenças e dos racismos impregnados nas lógicas de dominação e poder contra o humano?

Afinal, existem populações e povos que em tese, pensando a logica reducionista e insana do Papa Nicolau V e de Mannoni, no século XX, que podem ser sacrificadas em nome de uma suposta inferioridade humana?

Seriam alguns de nós menos humanos que outros humanos? Estamos vivendo, no século XXI o paradigma das diferenças e nos comportando com a logica de sociedades teocêntricas de cinco séculos atrás?

Como pensar o evolucionismo psíquico, considerando os marcos técnico científicos com Darwin, Freud e mesmo com Karl Marx?

Estas questões epistemológicas no cerne formativo das ciências, sejam elas humanas, sociais ou naturais, não podem passar ao largo da consideração do que significa fazer e produzir ciência em qualquer tempo.



Para a psicologia e para psicanalistas esta lógica e esta primazia da crítica marxista “fanoniana” não pode ser preterida.

Fundamental, o que Fanon ultrapassa é a lógica das subdivisões étnicas e culturais que inscrevem o sujeito em seus espaços circunscritos. Se Fanon foi pensador nascido em uma ilha montanhosa do Caribe, cheia de obstáculos e estradas intransitáveis, esta condição material de sua existência terrena na infância permitiu alcançar voos mais altos para observar o movimento do oceano nos impactos das encostas de sua pequena ilha.

Na clínica, o fazer do psicólogo se inscreve na solidão do espaço de quatro paredes do consultório. O choro, as lágrimas e o sofrimento são os objetos sintomáticos dos sentidos. O silêncio são interrogações preciosas ou respostas afirmadas no conteúdo do contexto.

Sim, a solidão e reflexão da clínica psicológica e psicanalítica, nos insta, como os poetas, a sermos autênticos. Ancorarmos a dor do outro em sua vastidão oceânica e em sua redução de limites de sujeito físico, material e temporal.

Igualdade, na clínica, na psicologia, deve ser a palavra de ordem em todo e qualquer tempo.

Isto nos revela Fanon quando diz que os psicólogos, psicanalistas, os fenomenologistas, aqueles que pregam pela igualdade humana necessitam ser não violentos, não reproduzir as milenares mortes e homicídios físicos e psíquicos que atravessam a história da humanidade. Ele diz que precisamos sair dos abstracionismos vãos, e tornar nossas reflexões-ações frente a história dos sujeitos e da sociedade mais concretas (Fanon, 2015, p.71)

Imbuído do sentido materialista histórico da época, comum a Sartre, Hanna Arendt, Milton Santos, Oscar Niemeyer, Frida Kahlo, dentre tantos outros infinitamente importantes para a ampliação do desenvolvimento mental da civilização e patrimônio da humanidade, Fanon foi grandioso em não circunscrever-se em sua condição de franco-martiniquês, que nascido em uma ilha nas proximidades do Caribe, pode perceber a



vastidão do mar ao encontro de todos os mundos com todos os seres irmãos nascidos de um mesmo ventre.

Fanon foi pioneiro no campo psicológico nos estudos sobre identidade e diferença na perspectiva étnica e cultural e materialista histórica e psicossocial. Como psiquiatra e profissional da saúde mental, foi capaz de pensar a sociedade macro em face a complexidade do colonialismo no mundo contemporâneo.

Sua condição de sujeito negro o aproximou do sofrimento dos colonizados. Embora franco martiniquês, Fanon poderia assentar-se no privilégio de seu ofício de médico psiquiatra e aproveitar a vida burguesa que lhe esperava como brilhante médico psiquiatra no contexto francês. No entanto, sua origem cultural, sua sensibilidade de sujeito pertencente a diáspora, e os ideais de igualdade o colocam num extremismo engajado na luta pela libertação da Argélia que teimosamente resistia a imposição do colonialismo francês em seu território. Como francês que era, Fanon abriu mão de suas condições e privilégios de médico francês. Ele adotou durante todo o percurso de sua vida em que fixou-se na Argélia o passaporte africano como documento de identificação (Macey, 2013).

Seus escritos e preocupações em psiquiatria referem um homem sensível pela condição das mulheres africanas na Argélia, e dos trabalhadores em geral que procuram o hospital para resolução de seus sofrimentos.

Ele organiza tanto na Argélia como na Tunísia formas de intervenção psicológica e psicossocial em psiquiatria nos hospitais que dirigiu e trabalhou. Ele por sua estatura intelectual e círculos sociais que frequentava na França, tanto em Lyon como em Paris, poderia com certa facilidade radicar-se em Paris ou mesmo em Lyon, onde cursou medicina. Nem mesmo as oportunidades que lhe surgiram na Martinica retirou de Fanon sua característica voluntariosa e apego ideológico a seus ideais humanos de igualdade. O sofrimento do povo Argeliano, a frieza e autoritarismo francês diante do massacre e perseguições violentas ao povo africano, fez com que Fanon abdicasse de suas ambições (?) pessoais para construir um trabalho importante nos hospitais que trabalhou diretamente com pessoas de alta vulnerabilidade psíquica (esquizofrênicos, psicóticos, depressivos, ansiosos, neuróticos graves, enfim).



O contexto da guerra e as condições históricas, étnicas e culturais foram catalogadas como princípios importantes para metodologias de intervenção em saúde e saúde mental. Fanon exerceu a prática da saúde mental dentro de um contexto de guerra e por conta disto ele foi capaz de conjugar o aspecto psicossocial de seus pacientes a partir da análise histórica, étnica e cultural da realidade global (França, África, colonização e diáspora). Frantz Fanon, em certo sentido, foi criador de uma perspectiva clínica psicológica centrada no indivíduo, na singularidade e na clínica da subjetividade atravessada pelo componente inerente da historicidade, da cultura e da etnicidade.

A igualdade e o aplacamento do sofrimento era sua marca profissional, seu fazer intelectual, sua força e envergadura de homem engajado de militância política na França, em Paris e na Argélia.

Estas noções que apresentamos sobre a trama subjetividade, identidade, opressão e etnicidade (cultura, história, colonização, sociedade) são paradigmas importantes de uma psicologia que seja capaz de pensar e construir uma epistemologia da violência no âmbito psicoemocional.

Pensar a clínica psicológica e a saúde mental nos dispositivos sociais que hoje temos é coadunar-se a dimensão da intersectorialidade, que abrange os processos de humanização no SUS, a clínica ampliada e os valores de igualdade, cidadania, integralidade e direitos.

O pensamento de Fanon representa este pioneirismo de pensar o acesso a saúde em sua integralidade. Neste sentido, o contexto francês em sua revolução republicana é ainda um modelo de atendimento a saúde no qual o SUS e seus pensadores marxistas buscaram inspiração. O SUS é um dos mais avançados sistemas de saúde do mundo e acompanha iniciativas arrojadas de governos importantes no cenário europeu, como no caso a França, e recentemente os Estados Unidos com o Obama Care, que teve sua vida ceifada a partir da nova era – degradante era – Trump.

Compreender os conceitos de Fanon, a partir do contexto do colonialismo tem sido metodologia importante para estudiosos e pesquisadores do campo das ciências sociais e do campo médico nos Estados Unidos. Neste país, Fanon é um ícone



fundamental tido como um precursor dos estudos sobre colonialismo europeu que influenciou toda uma geração de sociólogos, economistas e historiadores americanos e anglo-saxões.

No Brasil Fanon é, infelizmente, pouco conhecido pelo público universitário do campo médico e da saúde. Ele é francamente um desconhecido nos cursos de psicologia, passando a ser mencionado diretamente pelos intelectuais e pesquisadores de grandes centros de estudos engajados nos movimentos sociais.

Sua inscrição no cenário da graduação e pós-graduação em sociologia, é igualmente pouco comentada nas universidades brasileiras.

A marca de uma europeização e americanização do contexto de pensamento da universidade brasileira, principalmente no campo da saúde é a marca do descompromisso social da sociedade brasileira, dos pesquisadores de saúde, dos psicólogos e profissionais de saúde mental, que nada ou pouco se interessam por uma ciência psicológica que avance na construção de uma base epistemológica que desmonte o edifício retórico de uma ciência – *pseudo ciência* – calcada em paradigmas de ideologias de violências racistas e excludentes.

O compromisso ético político da psicologia é perceber que no cerne de sua formação há pactos observáveis de epistemologias que se coadunam com uma cultura do privilégio, do anomismo, da omissão a opressão, a violência e a injustiça.

Psicólogos e psicanalistas tem pactuado com ações que mantém o status quo dos seres pertencentes as classes sociais e culturais privilegiadas. A etnicidade que se inscreve no contexto é muitas vezes reiterada pelo apoio tácito a branquitude, que é assumir a naturalização do privilégio de ser branco.

Sob esta consideração, branquitude, é, como nos conceitos ensinados por Fanon, a naturalização da suposta inferioridade daquele que é considerado diferente. A branquitude não é apenas, como nos ensina Fanon, a ação clientelista e rodeada de vantagens incontestes por pessoas que possuem a tez da pele clara. A branquitude é, para além da cor da pele, a síndrome de pertencer ou de desejar pertencer a um grupo social que esta protegido por códigos étnicos e sociais que bloqueiam o acesso dos que



pensam, agem, expressam-se de modo divergente da cultura branca opressora, dominadora e autoritária.

Branquitude, na ampliação do conceito, conforme os estudos e interpretações que concebo de Frantz Fanon, significa atitudes de manutenção de exclusão, negação de igualdade e sentidos de superioridade, inscrito na psique de sujeitos pertencentes a uma cultura étnica branca. Mas isto não quer dizer que estas pessoas sejam necessariamente brancas em sua tez. Porque ela se manifesta ideologicamente e psiquicamente.

Pessoas de origem negra ou ascendência negro-indígena, podem também incorporar a lógica da branquitude em suas formas de ser, pensar e agir. Fortalecendo a violência opressiva do grupo étnico racial privilegiado.

Por tal dimensão os estudos de Fanon para a psicologia são fundamentais, porque no Brasil tais significações alcançam uma gama complexa de sofrimentos psíquicos e violências étnicas raciais naturalizadas pelo contexto do ideal de branqueamento social e perpetuação do mito da democracia racial.

A referência da profundidade e importância de Fanon para o campo psicológico é literatura que vem de dentro do campo “psi”. Ele era um psiquiatra, um grande poeta e intelectual, assentado junto das grandes belas vozes do século XX que promoveu as mais significativas transformações na luta por direitos e igualdade em termos gerais.

Para além da dicotomia negro-branco, Fanon provoca e convoca neste século XXI o desafio de romper com o contexto geográfico diminuto das vidas vividas em ilhas. Como ele, que atravessou o mar oceânico do continente americano, para no mundo europeu da mais alta elite intelectual de seu tempo, ele nos dá o exemplo e gesto do que é preciso para ser um ser instado na verdadeira noção da vida: da vida que vale a pena ser vivida. Fanon cria a si mesmo, rompe com o seu local restrito de existência e mesmo morto, em cinzas, pode viver em toda humanidade contemplada em seu sofrimento martirizado.

Fanon foi um grande pensador do século XX e seus pensamentos adentram este século carregados de sentidos psíquicos e emocionais próprios da sensibilidade de um profissional do campo do desenvolvimento emocional.



Banido e não reconhecido em sua terra – tanto na França como na Martinica – Fanon escolheu radicar-se no solo africano da Argélia e da Tunísia. Mesmo assim, após sua morte prematura por leucemia com traslado de seu corpo de Nova York, Estados Unidos, para a Argélia, ele teve em seu cortejo fúnebre poucas homenagens e reverências por parte daqueles que ele elegeu para apoiar na luta contra o colonialismo e imperialismo francês.

O desprezo e o escárnio a que o nome de Fanon esteve predestinado em suas lutas, não abalam a grandiosidade de seus escritos, de sua vida, de seus pensamentos e principalmente de seus feitos.

A vitória não se expressa no limite reducionista da vida terrena. Psicólogos e psicanalistas brasileiros, embora saibam sempre quem é Freud, em um país majoritariamente negro, colonizado, opressivo e desigual, pouco ou quase nada sabem sobre Fanon ou Virginia Bicudo, uma psicanalista negra que fundou a sociedade brasileira de psicanálise de Brasília e implantou em São Paulo a difusão da psicanálise nas escolas públicas na orientação de professores e famílias. Juntamente com Durval Marcondes consolidou ações formativas na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e a elevou a IPA – Associação Internacional de Psicanálise e foi também expressiva pesquisadora brasileira das relações raciais integrando o grupo de pesquisadores financiados pela UNESCO nos anos 50. Ela era a única mulher deste grupo. Além de mulher ela era de origem negra. Seriam estas as razões, ser mulher e negra, dos articuladores da ciência terem apagado o seu nome desta realização tão emblemática para o contexto do Brasil e do mundo (o projeto Unesco)? Importante informar que de todos os pesquisadores do projeto, com exceção de Virginia, eram todos homens. Homens brancos. Porque eles foram todos lembrados e a eles reservados os primeiros lugares nas fileiras das grandes academias científicas do Brasil. Um deles chegou inclusive a ser presidente da república em função da sua projeção na pesquisa da Unesco. Além de todos eles se tornarem pessoas bem posicionadas socialmente e profissionalmente.

Virginia, por competência e iluminação pessoal (e talvez divina), também conseguiu ter acesso a bens materiais e sedimentar seu trabalho no campo clínico da



psicanalise no Brasil (São Paulo e Brasília) e na Europa (Inglaterra). Porém não teve as honras e glórias que os homens brancos em condições mais favoráveis que ela receberam.

É com escárnio que a branquitude se manifesta diante das lutas justas daqueles que não pertencem ao segmento étnico racial que ela elege para proteger e priorizar.

Foi pela ação e influência da branquitude que Virginia e Fanon (mulher negra, homem negro) tiveram muito menos do que plantaram. Enquanto outros, sob os favorecimentos da branquitude, colheram inclusive os frutos que Virginia e Fanon cultivaram. Ou seja: a branquitude favorece a apropriação dos recursos obtidos por toda uma coletividade pertencente a diferentes grupos étnicos, culturais e sociais.

Tais recursos acabam sendo destinados ao uso e concentração exclusiva daqueles que historicamente criam mecanismos legitimadores para se apropriarem dos alimentos que todos os seres humanos de diferentes pertencimentos étnicos raciais, sociais e culturais produziram para o benefício do processo civilizatório de toda a humanidade.

É por isso que as mãos – e os bolsos – de alguns grupos étnicos, sociais e políticos estão sempre cheios, para serem mantidos no círculo fechado onde apenas seus filhos e descendentes mais diletos podem ter acesso.

Os jovens negros das periferias das cidades estão excluídos do acesso ao patrimônio que seus antepassados cultivaram nos territórios das riquezas de café, cana de açúcar, ouro (Brasil), algodão (Estados Unidos), ouro e diamantes (África do Sul). Os territórios e sua ocupação também passaram pelo processo de segregação racial. Trabalhar na terra ou nas minas de ouro e diamantes e produzir as riquezas do grande capital que determinou os postos de poder nas grandes economias do mundo, não conferiu à população negra a garantia de bem estar social, material e psíquico para seus descendentes.

O fragmento clínico, de um atendimento psicológico realizado em uma associação de moradores de uma Favela em São Paulo nos fornece algumas noções da importância da análise psicológica baseada em epistemologias que discutam a lógica da



violência e das dimensões psíquicas como Fanon, profissional da saúde mental, desenvolveu a partir de seu engajamento ético, político e social na defesa da plena igualdade entre as pessoas. Tiago², 19 anos, é morador de uma favela localizada em um território negro segregado na periferia paulista. Ele é modelo e torneiro mecânico.

“Eu não aguento mais. Eu preferia fazer um trabalho com pessoas. Ser oficinairo. Eu não quero mais ficar na firma. Mas esse cara me ajuda pra caramba. Eu fazia free como modelo e aí eu conseguia ganhar para uns três ou quatro meses. E ele - o patrão - me deixava sair para os dias de desfile. Eu sei que lá eu posso sustentar meus irmãos. Eu comprei a casa da minha avó. Ela me vendeu e eu ponho as regras lá. Meus irmãos quando é 9 hora já tão todos na cama. Se querem ver televisão eu deixo. Mas é dentro de casa. Essa de ficar na rua depois das nove não é bom. É estudar, almoçar, jantar, fazer dever e dormir. É assim que tem que ser. Mas eu sei que as pessoas aqui não gostam de mim. Porque eu sou modelo dizem que eu gosto de me aparecer.. E eu também ‘faço zoada’ com a cara das meninas...Mas agora eu parei. Mas eu não quero mais ser torneiro, mas não tenho como sustentar meus irmãos, se deixar de ser torneiro. Eu quero ser oficinairo - eu já fiz muitos cursos de teatro, eu ganhei uma bolsa, mas depois que minha mãe voltou - ela abandonou a gente e foi embora, não deu notícias - agora voltou pra fazer bagunça! Meus irmãos já nem me obedecem mais. Está um inferno. As vezes penso que ela fez macumba pra mim. Pra eu ficar confuso” (Oliveira, 2012, p.36).

Assim como aconteceu com Virginia Bicudo e Frantz Fanon (que tiveram muito menos do que plantaram em termos simbólicos de respeito social e visibilidade no processo de desenvolvimento da civilização humana), Tiago também tem muito menos do que efetivamente lhe pertenceria conforme o suor do trabalho de seus antepassados escravizados.

Porém, Tiago é defasado em capital simbólico – sua mãe o abandonou – e possui quase nenhum capital material: ele mora na favela, tem apenas 19 anos e tenta, na ansiedade louca que o contexto o inscreve, dar conta do legado (tao mínimo e tao pobre: uma casa na favela e a vigilância educacional dos irmãos) que ele sozinho construiu com o apoio da avo (a ancestral) e tenta transmitir e preservar. Ao custo de sua integridade emocional: *acho que ela fez macumba pra mim. Para eu ficar confuso...*

A branquitude reserva aos seus os privilégios de manutenção e preservação material, moral e social. O legado transgeracional, a partir da branquitude, é garantido

² Nome fictício



sem nenhum esforço aos descendentes. E neste aspecto os lugares sociais e vantagens materiais permanecem nas mãos daqueles que sempre disto usufruíram e desfrutaram.

O sentimento de pesar, confusão mental, inquietação e ansiedade, certa perda da capacidade de sentir-se equilibrado e capaz de organizar o cotidiano da vida é fruto não da “macumba de sua mãe” ou de quem quer que seja. Ela é fruto da desvantagem social a que o jovem está inscrito desde o nascimento. Desde as desigualdades e injustiças materiais e simbólicas pautadas pela violência do racismo e da tortura física que submeteram os antepassados de Tiago.

A macumba não é uma razão para a sua confusão mental. Mas ela é o artifício do sujeito posto contra ele mesmo. Seus valores e cultura. Ao desconfiar da mãe que “pode ter feito uma macumba”, duvida de si mesmo, de sua potencialidade humana. Ele é levado socialmente a não considerar os aspectos racionais da maldade – o apartheid da vida social comunitária no acesso comum aos bens que seus antepassados construíram. Uma maldade que não se apresenta. Que é travestida psiquicamente contra o próprio sofredor. Que acusa a si mesmo – no caso sua mãe – sua cultura (a macumba) para explicar a ordem do caos e da barbárie em sua vida instalada.

Efetivamente, a abordagem clínica psicológica deve leva-lo a interpretar este contexto de modo mais adequado à realidade objetiva. Sem atrelar-se aos mitos e enredos ideológicos arquitetados pelos dispositivos da branquitude: que segrega, separa, privilegia, maltrata, os que não são pertencentes ao mesmo sistema de valores e pensamentos culturais que o seus (egoísmo, patriarcalismo, acúmulo, individualismo).

O ser levado a interpretar este contexto, Tiago pode sair desta situação mais fortalecido, menos angustiado e mais compreensivo com os limites pessoais de sua mãe. Poderá compreender melhor a realidade e não sentir-se encapsulado por ela.

O legado material, embora existente, para os antepassados de Tiago, não foi a ele transmitido. Porque lhes foi roubado. Também não foi transmitido à sua mãe, que por certo, na ausência de um legado material que a protegesse, os abandonou. E efetivamente, seus irmãos tem o resquício do que Tiago pode, como Fanon e Virginia,



auferir a partir do legado simbólico da luta e enfrentamento que recebeu de seus ancestrais simbolicamente e a partir de si mesmo.

Estes aspectos singulares da emocionalidade dos sujeitos dizem respeito a ciência psicológica. Portanto, sua macro interpretação na aliança do ser que sofre com o contexto histórico do passado e do presente é atributo profissional do trabalho do psicólogo. Principalmente daquele que atua nos equipamentos sociais do SUS, do SUAS, na abordagem da clínica ampliada, nas políticas de humanização em saúde e nas políticas públicas de saúde vinculadas as estratégias de saúde da família (ESF), as redes de apoio psicossocial (RAPS) e todo sistema de assistência em saúde. O engajamento político de Fanon, é o compromisso ético necessário para o psicólogo promover no âmbito da clínica psicológica e da clínica ampliada os dispositivos importantes para um prognóstico do futuro psíquico, emocional e social de pessoas como Tiago e seus irmãos e avó.

As violências que Fanon nos obriga a pensar são da ordem da organização e estruturas de poder que massacram as populações humanas diferentes do perfil europeu. E esta análise do contexto global do mundo e das relações racializadas são obrigatórias para o exercício do profissional da psicologia e dos profissionais de saúde. Pois o psiquismo humano se configura a partir destas estruturas de poder e dominação no campo político das relações entre as sociedades.

Tiago sofre a angústia de não poder ser livre, de ter que submeter-se a uma atividade que não lhe causa prazer – ser torneiro mecânico. Ele está confuso, porque luta para não enredar-se na promiscuidade de um mundo que o convida insistentemente para a degradação de si mesmo e de sua família: o tráfico de drogas, o uso de bebidas alcoólicas, o desemprego, o estigma.

Tiago está confuso porque mesmo sendo modelo, bonito, cobiçado no mundo capitalista da moda – ele ganha para três meses quando faz um desfile – ele não vê contemplado o valor de si mesmo em seu esforço pessoal de cuidar de sua vida e da vida de seus irmãos. A confusão é causada porque ele não compreende como no mundo em que ele vive, ele pode receber mais por uma aparência e muito menos, ou nada, por ser si mesmo: preocupado com o seu entorno, seus irmãos, no desejo de ser oficineiro.



Atividade que para ele, em outros atendimentos psicológicos realizados, revelou-se como um espaço de troca de experiências entre ele e outros jovens mais novos que aprendiam atividades que ele instruía: comportamento social, confecção de adereços de fantasias para cenas teatrais, atividades criativas com sua fala, sua linguagem, seu corpo inteiro.

Como resgatar o empoderamento emocional deste sujeito, que pode entrar e colapsar diante das restrições de vida a que está sujeito?

Embora o aspecto racializado não se apresente formalmente, ele está embutido na trama do acesso aos bens simbólicos e materiais que Tiago e seus irmãos não têm disponíveis para si mesmos e para suas próximas gerações.

Compreender esta trama, e interpretar tais mazelas é perspectiva libertadora, pois pode fazê-los agir de modo mais proativo, engajado, na preservação de si mesmo. Aliviando o peso de exigências pessoais que o sistema capitalista tende a sobrepôr nos sujeitos: todos acabam sendo os responsabilizados pelo sucesso ou fracasso de suas existências. É o que o sistema perversamente preconiza.

Mas aos filhos da branquitude, os privilégios simbólicos e materiais são premissas fundamentais para seu certo sucesso: habitam em bons bairros dotados de água, luz, serviços públicos e ambientes de lazer, próximo de seus ambientes de trabalho, e possuem tranquilidade para escolher uma profissão e um engajamento escolar.

Ele dizia que ia tentar uma bolsa de estudos para cursar faculdade de belas artes. Mas sua jornada de trabalho como torneiro, a distância que percorria para chegar ao trabalho e voltar para casa e cuidar dos irmãos o impedia. Ele referia que sua avó o ajudava, mas ela tinha problemas de saúde, então ele não queria contar muito com ela. Já que a comida e alimentação, ela é quem organizava.

A análise do violento processo colonialista que Fanon nos ensina, e deve ensinar aos psicólogos, sobre a África e as relações com o ocidente (França e Europa). Ele demonstra que o domínio europeu sobre a África se fez com grande crueldade, força, barbárie, selvageria e autoritarismo. Os territórios africanos foram invadidos,



colonizados, retirada a sua dignidade de povo, de cultura, de conhecimento, tecnologias. Tudo isto foi saqueado juntamente com todas as riquezas materiais que o território africano possuía e possui. Na África, na região do Magreb, mas também em outras localidades, há riquezas extremas para o desenvolvimento da espécie e civilização humana: ouro, diamante, petróleo, reserva de água potável, minérios e imenso potencial humano.

Tecnologias negras, africanas e indígenas estão dispostas nos museus de Paris. Notadamente no Museu do Quai Branly e também no Museu Nacional da Imigração. Os franceses são meticolosos em catalogar os trunfos das riquezas do mundo. E assimilarem – aprenderem e se apropriarem – dos modos e historicidades de como estas culturas realizam sua lógica de desenvolvimento.

Neste aspecto, em termos psíquicos, isto confere a eles, os franceses, um certo resgate de sua humanidade não perversa. Ao dedicarem-se a aprender os valores de outras culturas, eles – alguns deles- acabam por subverter os paradigmas da cultura branca europeia. Ao se dedicarem a observar os modos de produção tecnológica de outros mundos, por diversas vezes se contaminam positivamente. Não tem jeito. A força contagiante de “Áfricas” e outros patamares étnico culturais, é extasiante, alucinógena. Uma vez tomado, verdadeiramente transformado. Porque gerador de bem estar, felicidade e equilíbrio.

Paris é território humano. Cidade magnificamente bela. Não por ser europeia. É por ser sempre essencialmente estrangeira. Outra, diversa, sempre nova, jovem e velha. Por isso ela é rica e sempre iluminada. Cidade Luz. Porque renova-se a todo tempo na assimilação das culturas de tantas pessoas chegadas de todos os mundos, de fora. É isto que mantém a sua essência ativa diante de um mundo e universo que constantemente se transforma. E como uma Deusa, Mãe dos Rios, ela abraça e a todos acolhe. Ela embala a todos com amor, e os tem como uma grande prole. É por isso que Paris e “Áfricas” são tão próximas, misteriosas e belas.

Paris, África e o Brasil representa que uma vez banhado neste caldo de cultura, você será persuadido e jamais será o mesmo. África tem este poder: de fazer nascer a humanidade entre os degradados e degenerados. Por isso ela e as Américas, no caso o



negro Brasil, são a grande força de equilíbrio psíquico para o mundo em termos de bem estar geral para a humanidade. Requisitos emocionais e afetivos de felicidade: capacidade de superação diante do caos e da dor. Tiago, com toda sua dor, cumpre com a preservação e preceito deste legado (sua ancestralidade: é sua avó que lhe dá a chave de sua casa). E esta é a herança simbólica mais difícil de retirar-lhe. A força da interioridade de si mesmo.

Mas mesmo sendo ele tão bem provido nas amarras de sua etnicidade não teria ele o direito civilizacional do acesso ao que efetivamente lhe foi roubado (retirado de seus ancestrais, através da apropriação da força de trabalho e do saqueamento dos territórios colonizados)? e que lhe pertence na historicidade da vida humana e social?

A matriz tecnológica de África vem da força de sua interioridade: a riqueza material é boa quando serve a todos (princípios comunitários e coletivos); as mães são sagradas porque são portadoras da vida (a vida, é o único efetivo que temos sobre a Terra); e a reverência ao ancestral (porque é ele o responsável pelos ensinamentos para preservar e saber viver a vida: felicidade!).

Então entre ocidente e oriente, no centro do mundo, no coração do planeta, a África tem força. E mesmo violada por tantos martírios, ela emana vida plena! Em todos os sentidos.

Por isso saber de África, colonialismo e escravismo é tarefa afeta a todo profissional da saúde física e mental. Os processos epistemológicos que organizam as ciências e a ciência psicológica são fundamentais para psicólogos e para a psicologia. Compreender as violências que perpassam as relações entre os diferentes grupos étnicos, sociais e culturais, é basilar para a construção de uma ciência e campo do conhecimento cujo requisito epistemológico possa ser mais abrangente na produção dos sentidos humanos e fortalecimento emocional dos sujeitos.

Os filhos de África são felizes sempre. Mesmo diante do caos e da dor. E este segredo, esta tecnologia de vida, não pode ser plenamente capturada. Porque vem de sua força ancestral. Nós atravessamos o Atlântico, durante anos. Transportamos nossas



raízes. Diante do caos sofremos, lutamos, sobrevivemos. Estamos vivos! Vencemos. Porque haveríamos de sermos pobres e tristes?

Se mantivermos nossas raízes, a melancolia de Ulisses, jamais retirara nossa envergadura.

Se Ulisses para chegar a Itaca tampa seus ouvidos com cera, nós nos lançamos ao mar e cantamos com a força dos cantos das sereias.

Sim, são elas feiticeiras. E são elas que nos permitem atravessar qualquer mar.

Sim, as vozes das mães, das mulheres negras. Sagradas, são elas que nos fazem acordar.

Veicular mundialmente imagens de uma África pobre e agonizante sempre foi estratégia de empoderamento daqueles que zelam pela branquitude nas relações de poder. Sobretudo porque branquitude é poder. Poder de subjugar os considerados “diferentes” e mantê-los sob o seu olhar vigilante da ação de seus chicotes e de suas armas: exterminar o corpo, se preciso for (como efetivamente convém, após desgastá-lo no uso estafante da produção de bens de consumo acumuláveis). A partir de suas políticas de estado. Sim, há uma política de estado: a do extermínio e massacre das populações negras e não brancas.

Em termos psicossociais o jovem negro morador da periferia sofre o efeito de uma civilização humana engajada no fortalecimento das diferenças e dos privilégios – a branquitude. Empurrando para fora dos núcleos centrais de desenvolvimento todos os que não pertencem a um projeto de nação, sociedade e mundo, convergente com os princípios imperativos.

Quando falamos insistentemente de branquitude, estamos nos referindo aos ensinamentos de Fanon sobre o colonialismo. Que os valores do colonialismo e portanto, da branquitude, são antagônicos ao das populações negras. Porém, para Fanon, e este é seu ensinamento mais profundo, é preciso compreender os modos de estruturação do colonialismo que alija o sujeito de sua humanidade.



Sobre a barbárie que se impôs sobre a população africana e os territórios colonizados. Ele (Fanon) não está perplexo. O sofrimento deu à ele a profunda compreensão de seu mundo. Sábio que foi e que é, ele nos legou uma conclusão :“Quero ver nascer um novo humanismo...A compreensão dos seres humanos...Todos somos irmãos...Eu creio em ti, Humanidade...O preconceito de raça...Compreender e amar...” (Fanon, 2015, p.5)

O capital simbólico e material dos filhos daqueles que zelam pela expressão da branquitude é extremamente oposto ao capital material, simbólico e psíquico que o jovem negro recebe de seus antepassados. É preciso lembrar: seus antepassados (negros e outros grupos étnicos) tem parte importante no processo de produção desta riqueza e capital que circula apenas para os filhos da branquitude.

E sob este aspecto, os dizeres de Fanon nos convoca a uma profunda consciência revolucionária. De ação e gesto contra a violência do colonizador. E ao mesmo tempo sem utilizar os dispositivos da violência que o colonizador imprime. A revolução se dá na ordem da consciência e da ação galgada no próprio princípio negro africano ancestral, sagrado e comunitário. Este é de fato um paradigma que rompe com a lógica técnico científica para ampliar a dimensão epistemológica sobre psiquismo e relações raciais.

No Brasil, Lacan, um nome no contexto internacional é conhecido nos mais provincianos institutos de formação em graduação em psicologia. Enquanto Lacan é importante, Fanon, com sua breve vida, interrompida por um câncer leucêmico, está para muito mais além da Europa. Fanon é cátedra de estudos em importantes centros de pesquisas e universidades norte-americanas, canadenses e europeias – principalmente no cenário anglo-saxão, além de ser difundido no continente africano e em toda América colonizada e escravizada. O grande estranhamento é na direção de refletir: como os produtores da ciência psicológica no Brasil, privilegiada e com fácil acesso as vanguardas de produção técnico-científica no mundo, pode não se interessar, pelo pensamento e genialidade de Frantz Fanon no campo da saúde e da saúde mental de sua população majoritária – população negra?

A resposta não é difícil de ser organizada, para todos que são capazes de desconfiar da lógica capitalista assentada no poder do conhecimento para a dominação.



Conhecer para dominar, produzir para exterminar, pesquisar para manter os paradigmas do *stablishment* da injusta e excludente sociedade brasileira.

Psicólogos aéticos, a-sujeitados, ignorantes conceitualmente sobre as epistemologias existentes no campo psíquico que discutam colonialismo, escravidão, políticas, culturas, violência e etnicidade, são reservas importantes para manutenção de uma sociedade pacífica, cativa e alienada: corpos dóceis em uma senzala calada.

A loucura, não é apenas o encarceramento dos corpos. Ela está na insanidade de cumprir com a norma que concede prêmios ao igual e ao conivente. Os pacíficos, os corpos dóceis, os que concordam com inadequadas reverências.

Uma mulher brasileira, Virginia Bicudo, também viveu como Fanon parte deste mesmo contexto. Ela foi psicanalista, uma intelectual negra, foi financiada pelo projeto Unesco, uma importante agência de pesquisa vinculada a ONU e a OMS- Organização Mundial de Saúde. Ela esteve no pelotão de elite da produção brasileira em pesquisa sócio antropológica com grande reconhecimento internacional. Esteve trabalhando junto com Florestan Fernandes, Thales de Azevedo, Oracy Nogueira, Otávio Ianni, entre outros. Internacionalmente ela foi respeitada nos meios psicanalíticos na Europa, principalmente na Inglaterra. Ainda assim, os psicanalistas brasileiros e estudantes de psicologia não sabem quem foi Virginia Bicudo (Abrão, 2010).

Porque a história reserva esta face para os que comungam com os gênios da esperança de um mundo mais igualitário e justo?

Para Fanon, como para muitos grandes, uma cova rasa sem muitas flores sempre o esperou. Talvez para alguns de nós, comprometidos com ações que desconstruam a naturalização dos sentidos de um colonialismo expresso por uma branquitude apaziguada – como a do psicanalista lacaniano Octave Mannoni e sua esposa, Maud Mannoni, as covas rasas nos espreitam sempre. Aliás, tão rasas porque muitos nos querem enterrados vivos.

Talvez por isso o pensamento de Fanon tenha sido mais densamente apropriado por cientistas sociais e intelectuais do movimento negro norte americano e anglo-saxão. Porque as academias universitárias formais rejeitam epistemologias radicais que



rompam com a lógica da opressão e do privilégio para alguns em detrimento de outros, que se coadunem com o empoderamento de grupos específicos sem considerar a igualdade entre os sujeitos participantes do contexto social e coletivo.

Universidades, currículos e ações de pesquisa, são redutos de poder, disputas e competições nem sempre justas. E, ao contrário, permeadas por deslealdades e precariedade ética-política.

Em todos os tempos, ainda neste século, Fanon continua vivo e atualíssimo. Seu fantasma ronda o Sena, o magnífico Rio em Paris, junto à Oxum, que o acolheu com muitas flores e amores. Seu fantasma, pelo rio, segue as Américas, todas elas, de norte a Sul, saído das terras centrais e oceânicas do Caribe.

Seu fantasma ronda então com toda força e voz a África, a Europa, os movimentos de transformação e vitórias de uma África que se pronuncia vigorosa, a despeito das imagens decadentes que o ocidente insiste sempre, pejorativamente a nos apresentar. A população negra avança, a despeito da martirização de tantos corpos negros, para sua glorificação (Bokolo, 2007).

Fanon vive, e como Zumbi, não pode mais ser combatido ou exterminado. Ele é, ele está.

E nós da psicologia, diante de tantas violências, temos que ser capazes de nos contemplar no espelho que Fanon nos apresenta. No espelho de amor de Oxum, todos os rios nos levarão ao mar: a casa da igualdade de todos os seres humanos, o reduto dos deuses, a sabedoria e a paz da vida.

Assim seja do Ayê ao Orum. E do Orum para o Ayê: Salve Oxalá, a Paz! Entre todos os seres da terra: negros, indígenas e brancos. Não é fácil construir a paz entre todos os seres da Terra. Afinal foi para isto, pela paz e a igualdade, que Fanon foi e nunca desistiu da guerra.

REFERÊNCIAS

FANON, Frantz. *Peau noire, masques blancs*. Éditions du Seuil: Paris, 2015.

FANON, Frantz. *Écrits sur l'aliénation et la liberté*. La Découverte: Paris, 2015.



MACEY, David. *Frantz Fanon: une vie*. La découverte: Paris, 2013.

M'BOKOLO. Elikia. *A marcha africana*. Conferência proferida na Cité Universitaire de Paris, Maison des États Unis, Paris, 2007.

MANNONI. Octave. *Psychologie de la colonisation*. Editions French : Paris, 01984.

OLIVEIRA, Regina Marques. A CIDADE NAS FRANJAS DO CAPITALISMO: habitar a periferia e ser jovem negro. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S.l.], v. 4, n. 8, p. 30-51, out. 2012. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/248>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Cia das letras, 2000.

ROUDINESCO, Elisabeth. *Porque a psicanálise*. Zahar Editora: Rio de Janeiro, 2000.

Recebido em outubro de 2017
Aprovado em janeiro de 2018